



O OLHAR DO JORNALISMO HUMANIZADO NA SÉRIE “QUEM SOU EU?”

Rafaella Pagnan Novaski¹

Jaqueline Marcos Garcia de Godoi²

RESUMO: O presente artigo pretende estudar a forma de abordagem do primeiro episódio, exibido em 12 de março de 2017, da série “Quem sou eu?” sobre crianças transgêneros veiculado no programa Fantástico da rede Globo. O objetivo é identificar características jornalísticas que deixam a reportagem mais humanizada, tendo como principais referências Ijuim (2002), Braghini e Lüersen (2014), Alves e Sebrían (2008). Evidenciando aspectos fundamentais para o estudo como a narrativa apresentada, abordagem de fontes e estética da produção, é esperado identificar ao fim deste trabalho, quais as principais características que tornam a transsexualidade uma temática retratada de forma humanizada ou não.

PALAVRAS-CHAVE: Transgênero. Jornalismo humanizado. LGBT.

1 INTRODUÇÃO

Temáticas como identidade de gênero e sexualidade nunca foram tão discutidas como na atualidade. Existem muitas matérias jornalísticas abordando o assunto, entretanto, geralmente a mídia utiliza pautas como essas para fazer sensacionalismo, que de acordo com Patias (2006) apud Reis (2012), procura abusar do extraordinário, buscando a atenção do público através de imagens fortes e espetaculares. Em outros casos ela mostra a realidade de milhares de pessoas do país, passando para os expectadores o lado humano da situação.

O programa *Fantástico* da rede *Globo* produziu, no primeiro semestre de 2017, uma série abordando a transsexualidade. A série, composta por quatro episódios, apresenta desde o nascimento de crianças transgêneros até a transição de sexo. Neste estudo será identificado como a humanização aparece na narrativa dessa reportagem, sobre o primeiro episódio da série, referente às crianças transgêneros. Este recorte metodológico será discutido com o objetivo de identificar a forma que foi construída a narração utilizada, seja ela humanizada ou não, observar a abordagem das fontes, os aspectos técnicos, éticos e estéticos da

¹ Graduada em Jornalismo da Faculdade SATC. E-mail: rafaellanov@gmail.com

² Professora Faculdade SATC. E-mail: jaqueline.godoi@satc.edu.br



produção jornalística e também a responsabilidade moral do comunicador sobre a abordagem da temática.

Ao final deste artigo, busca-se responder a problemática: Como foi abordado a transsexualidade do primeiro episódio da série “Quem sou eu?” do programa Fantástico?. A intenção é concluir se a produção jornalística partiu de uma abordagem com aspectos humanizados ao analisar os pontos seguidos para a construção do episódio.

Questões como a transsexualidade na mídia e gênero serão problematizadas neste artigo, pois além do assunto abordado ser atual, a transsexualidade ainda é um tabu na sociedade. Pouco se fala sobre essa parte da sociedade, invisibilizando e menosprezando a existência dessas pessoas.

Para realizar este estudo, estabelece-se uma pesquisa bibliográfica básica, pois será elaborada a partir de materiais já publicados visando estabelecer novos conhecimentos, envolvendo, principalmente, interesses sociais. Será também qualitativa, pois é uma relação dinâmica entre um sujeito e a realidade do mundo, sem poder ser apresentado através de números. E, por fim, a pesquisa será exploratória, pois busca debater um tema social, sendo construído a partir de uma pesquisa e procurando entender o tema debatido.

2 UMA DISCUSSÃO SOBRE O JORNALISMO HUMANIZADO

Para ser estudado, o episódio “Crianças transgêneros” da série “Quem sou eu?” do Fantástico, objeto desta discussão, será necessário identificar recursos que deixam o jornalismo, apresentado na reportagem, mais humanizado. Com isso é necessário saber quais as suas principais características e pontos importantes desta discussão. Ijuim (2014) diz que para humanizar é necessário superar a dor e o sofrimento, respeitando “costumes humanistas” de todas as culturas. Ressalta pontos de necessidade como: tratar o ser humano como o centro das preocupações, transmitir a igualdade entre todos os seres humanos, reconhecer a diversidade que existe em cada pessoa abordada e em sua cultura, procurar ampliar o conhecimento indo além do que é tido como verdade absoluta, ressaltar a liberdade cultural e de crenças e abominar a violência. Seguindo esses pontos principais, começa-se assim a humanização no jornalismo.



Assim como existe um jornalismo humanizado, desumanizar também é uma possibilidade. Ijuim (2014) mostra em seu artigo exemplos de reportagens onde o veículo e o jornalista tende para um lado da história, ou seja, constrói a reportagem com uma ideia pronta repassando a sua ideologia. Como exemplos, Ijuim (2014) trouxe a matéria da Veja, de 2007, intitulada “*Essa raça menor – ‘Made in Paraguai’*” que fala sobre uma suposta fraude de demarcação de terras indígenas no Morro dos Cavalos, e outra reportagem, de 2008, sobre os conflitos em Roraima, na reserva Raposa Serra do Sol. A partir da construção dessas duas reportagens, Ijuim conclui que “a rigor, o problema está antes do trabalho de apuração, mas na concepção da pauta. Esta já estava imbuída de propósitos, convicções, certezas, crenças com raízes profundas” (IJUIM, 2014, p. 7).

O jornalismo humanizado, de acordo com Braghini e Lüersen (2014), é ainda mais incomum nos meios de comunicação tradicionais. As autoras descrevem o que é preciso fazer para tornar uma reportagem mais humana e fugir da abordagem comum. Também ressaltam que é importante entender as fontes como pessoas e não apenas fontes, valorizando cada personagem, ou seja, explorar minuciosamente todos os lados da história e transmitir a verdade que ali existe, relatando o que as fontes como pessoas viveram e sentiram. Outros detalhes que são fundamentais para uma boa reportagem humanizada:

É contar um acontecimento através do fragmento de histórias daqueles que estiveram lá, ou que são importantes para a interpretação do fato. Isso sem economizar nos detalhes, passando ao leitor não apenas o relato do entrevistado e as informações que ele possui, mas sobretudo quem ele é, onde ele está, por que ele está ou esteve lá (BRAGHINI; LÜERSEN, 2014, p. 10).

Alves e Sebrian (2008), ressaltam a importância de lembrar que durante uma pauta o jornalista se relaciona com outros seres humanos, e não apenas objetos de conhecimento. Eles ainda afirmam que durante uma reportagem, as chances de focar apenas nos fatos e ignorar toda a conexão com outros acontecimentos é grande, fazendo com que a matéria jornalística não vá além do que já se vê em todos os meios de comunicação, todos os dias. Ou seja, não buscar compreender a realidade e bagagem de cada fonte como pessoa, e não dar a devida contextualização necessária para que a reportagem se torne mais que um “acumulado de informações”, uma história contada para a sociedade.



Ijuim (2002) explica que para o comunicador passar mais que a informação sobre determinado acontecimento, ele precisa contar com uma observação objetiva, ou seja, para fazer com que as pessoas compreendam as ações humanas, é essencial que o comunicador coloque em primeiro plano o seu caráter humano e sua habilidade de tornar a produção da reportagem em uma narração viva e humana.

Com isso, pode-se entender que toda a narração das ações humanas é um resultado da observação e reflexão dos acontecimentos, como afirmam Alves e Sebrian (2008). Ijuim (2002) explica que essa relação de observação depende da visão que o comunicador possui sobre o assunto pautado, além do grau de conhecimento sobre o acontecimento a ser narrado. Para Ijuim (2002), a produção jornalística já possui um “manual” pronto de como fazer jornalismo, o que dificulta na hora de desconstruir e produzir algo humanizado.

O questionamento sobre o ‘fazer jornalístico’ ganha sentido à medida que observamos em seu dia-a-dia alguns sinais de raízes profundas dos paradigmas fundados na certeza. A ciência acredita acumular verdades controladas que se transformam nas extensões técnicas e nas tecnologias. Seu rigor racionalizante – e racionalizador – acaba por definir certos códigos socioculturais que, inconscientemente, determinam posturas, maneiras de pensar e agir (IJUIM, 2002, p. 38).

A partir disso percebe-se que o profissional do jornalismo não deve se limitar apenas a parte técnica, mas não poupar esforços para construir com base na observação e reflexão, uma reportagem que agregue e mostre à sociedade uma outra realidade. Ijuim (2002, p.46) afirma que “um comunicador que desenvolva tais habilidades e esteja consciente desses desafios, terá maior probabilidade de corresponder a um jornalismo humanizado”.

Ijuim (2002) ainda ressalta isso explicando que quando se percebe que o jornalismo é uma comunhão entre humanos, entende-se como deverá ser comunicá-lo através dos interesses da sociedade. Segundo ele o jornalista deve sempre buscar saber da verdade e ir além disso, procurando compreender as ações das fontes por trás daquela verdade. Fica por conta da imprensa produzir uma reportagem relatando sempre o que é verídico e mostrando uma visão particular das ações dos sujeitos, assim reunindo o discurso jornalístico real, simbólico e imaginário.



Com o foco de que mais do que informar, no jornalismo humanizado, deve-se compreender e entrar na história que se está narrando, Ijuim (2002) questiona a fórmula básica de construir uma reportagem, ele diz que é necessário contextualizar a história e não só responder as perguntas básicas de quem, quando, como, onde e por quê, superando a obviedade e indo além do indispensável.

Ainda sobre o ponto de vista do autor, fazer jornalismo vai além de produzir a verdade, o que o comunicador deve fazer é buscar as versões verdadeiras de uma mesma história, se relacionando diretamente com pessoas, buscando compreender cada ação e cada verdade. O processo para esse resultado, conforme Ijuim (2002) é atribuir significados e sentidos ao fenômeno de forma a se aprofundar. Com isso proporciona-se ao público a compreensão por trás dos fatos. A observação para passar essa compreensão às pessoas necessita do envolvimento de emoções na composição da pauta.

Considerando que o ponto principal de produzir uma matéria jornalística é relatar a verdade, Ijuim (2002) afirma que o profissional necessita possuir algumas habilidades para ser capaz de realizar tal tarefa.

A expressão dos sentidos de fenômenos é ação simultânea e imbricada às operações mentais do observador-comunicador, enquanto sujeito individual e como membro de um todo – histórico e social. [...] Por esse raciocínio, pode-se compreender que um relato das ações humanas – a compreensão dos sentidos de fenômenos – é fruto da observação/percepção e, ao mesmo tempo, da reflexão desses fenômenos. Ora, a compreensão de um fato é, simultaneamente, a expressão e a reflexão sobre esse fato (IJUIM, 2002, p. 41-42).

A partir disso, o autor, ressalta que o comunicador não deve se prender apenas às questões técnicas de se produzir uma reportagem. Além da observação e reflexão é indispensável pensar nas questões do social, como buscar ser solidário com o seu público, perceber que o diálogo com suas fontes é o que vai construir a reportagem e principalmente se comprometer com o mundo.

Um dos maiores desafios para o jornalista na hora de produzir uma reportagem humanizada é aperfeiçoar a sua técnica de narrativa, elaborando um material mais detalhado e com linguagem de fácil entendimento. O autor ressalta que é de extrema importância que o comunicador aprimore cada vez mais sua técnica, produzindo assim um relato mais compreensível sobre assuntos complexos. Tão importante quanto os desafios éticos e técnicos do comunicador, é a estética da



produção jornalística. Ijuim (2002) enfatiza como a abordagem de ver, ouvir, cheirar e sentir traz uma melhor apuração para a produção jornalística, conseqüentemente, colocando ainda mais sensibilidade ao relato. Ainda conforme Ijuim (2002, p.45), “No aspecto estético, a observação cada vez mais apurada não permitirá somente ampliar o potencial cognitivo, mas trará também maior sensibilidade para alcançar a profundidade e a complexidade do momento histórico-cultural”.

Outro ponto que intervém na produção jornalística, podendo inclusive desumanizar a reportagem, é a responsabilidade moral do autor. Em reflexão, Ijuim (2002) cita que o comunicador durante o processo de construir a sua matéria possui ações conscientes, controladas ou controláveis. Essas ações podem e vão influenciar no desenvolvimento e abordagem da pauta. O autor diz que o comunicador possui um ideal e uma intenção pessoal, antes e durante o processo de produção da pauta, com isso corre-se o risco de tender para um lado da história, ou seja, o comunicador colocar seus ideais e intenções na execução da reportagem com base nos seus valores.

Essa “responsabilidade moral” que Ijuim menciona precisa estar ligada aos princípios éticos do jornalismo, ou seja, o comunicador precisa deixar a sua ideologia de lado, buscando ser o mais imparcial possível, e fazer o seu trabalho com base na ética jornalística. De acordo com o autor, essa ideologia pessoal, do que é certo ou errado, é determinada pela comunidade ao qual cada indivíduo pertence. A partir disso, o que é correto para um nem sempre será correto para outro que pertence à outra comunidade e costumes.

Para Ijuim (2002), dentro da ética jornalística é essencial ultrapassar a pergunta de se o foco da pauta é moral ou não, discutindo e refletindo sobre a diversidade de questões para que não gere um pré-conceito sendo transmitido para a matéria, ou seja, o jornalismo humanizado é ampliar a visão sobre assuntos variados, superando a generalização e possibilitando um desenvolvimento maior da capacidade de conhecer e respeitar uma realidade diferente. Ijuim (2002, p. 45) descreve que “o relato jornalístico, assim, não é produto de simples execução de técnicas narrativas, mas fruto amadurecido da observação apurada, da reflexão dedicada e da emoção solidária do comunicador”.

Com isso, através das reflexões de Ijuim, percebe-se que o jornalismo humanizado precisa possuir veracidade e compreensão das ações humanas, o



comunicador necessita de habilidades, tais quais, observação e percepção, reflexão e expressão, e é ideal que siga os desafios éticos, técnicos e estéticos, para assim produzir uma grande reportagem humanizada.

Um assunto onde o jornalismo, ainda, reforça estereótipos durante a construção das pautas é quando se trata da comunidade LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e trans). Antes de um comunicador produzir uma reportagem dentro dessa temática é importante que se tenha conhecimento para não usar termos pejorativos ou se referir à comunidade de forma que ofenda e desumanize. A abordagem do episódio que será analisado neste artigo se refere às pessoas transgêneros. Com isso, alguns pontos muito importantes necessitam de atenção. Soares (2017) dá algumas dicas de como produzir uma matéria, sobre a população trans, de uma forma humanizada.

Quando falar com a população trans* ou sobre ela, respeite sempre o nome escolhido por cada pessoa e use o pronome educado ao gênero. Embora exista o termo “nome social” para falar de um nome que ainda não consta nos documentos, muitas mulheres trans* acreditam que ele mais estigmatiza do que ajuda, então tome cuidado ao usar o termo. O importante é saber que, para essa população, nome é o que eles declaram, e não necessariamente o que consta nos documentos (SOARES, 2017, p. 24).

Segundo a autora, a população trans é marginalizada pela sociedade transfóbica, que possui e reproduz um preconceito contra pessoas trans. A partir disso é negado o direito de identidade, saúde e emprego para esses indivíduos. Devido a essas diversas situações as pautas jornalísticas incluindo pessoas trans, geralmente envolvem temáticas ligadas a direitos civis ou casos policiais. Soares (2017) reforça a importância de proporcionar essa visibilidade além de temas específicos. Em sua obra ela diz que é extremamente difícil encontrar matérias que retratem a pessoa trans apenas como cidadão e ressalta a importância da imprensa não contribuir com a disseminação da transfobia, incluindo pessoas trans em todos os tipos de pautas. Ou seja, é preciso humanizar as pautas LGBT para um jornalismo cidadão.



2.1 TRANSGÊNERO E A MÍDIA

Na sociedade do século XXI existem padrões chamados heteronormativos e cisnormativos que, de acordo com Gomes Filho, Melo e Pereira (2015), são empregados para definir uma grande parcela da sociedade que acredita que somente os padrões heterossexuais estão corretos. Com isto, desde antes dos bebês nascerem, quando a mãe descobre o seu sexo biológico, é determinado toda a sua vida com base na sua genitália.

Observa-se que os corpos são marcados antes mesmo de nascer. Assim para o menino é designado à cor azul, e a menina a cor rosa, sendo este, entre tantos outros, um dos primeiros símbolos e discursos sobre o que é ser menino ou menina, homem ou mulher, masculino ou feminino. E nesse sentido inicia-se a transcrição do sexo/gênero/desejo que deve ser incorporado nos sujeitos detentores de pênis e vagina, ou seja, do corpo sexuado (GOMES FILHO; MELO; PEREIRA, 2015, p. 2).

Bento (2006), também escreve sobre esse costume enraizado. O autor menciona que a partir do momento em que o médico informa o sexo biológico do bebê, menino ou menina, no mesmo instante produz-se uma série de expectativas para com esse corpo e são através dessas expectativas que se geram as atuações de gênero. Ainda relata que essas suposições antecipam o que seria o mais adequado para determinado gênero, materializando-se em planos para o futuro da criança, brinquedos, roupas e cores, tudo isso antes mesmo da criança nascer.

Louro (2013) ressalta que não possui a intenção de ir contra os aspectos biológicos dos corpos, e sim, chamar a atenção para a construção social e histórica que existe neles, enfatizando que nascer pertencente ao sexo biológico masculino ou feminino, não interfere em ser homem ou mulher, ao contrário do que a sociedade dentro dessa construção social histórica afirma.

Nascer pertencente ao sexo biológico masculino ou feminino não caracteriza um homem ou uma mulher, ou seja, o gênero vai além do órgão sexual. Dito isso a pessoa que nasce, por exemplo, com o órgão genital masculino e se identifica como mulher é definida como uma pessoa transgênero. Ávila (2010) afirma isso no artigo “Transexualidade e Movimento Transgênero na Perspectiva da Diáspora *Queer*”, segundo a autora transgênero é o termo usado para se referir a



uma pessoa que se sente pertencente ao gênero oposto, aos dois gêneros ou nenhum gênero.

A identidade de gênero é uma construção tanto social quanto cultural. Bento (2006) afirma que as atuações de gêneros são criações impostas pela sociedade, construídas ao longo dos anos gerando um costume corporal, fazendo parecer um processo natural dos corpos de acordo com os sexos, ou seja, é como se existisse um manual para como determinado gênero deve se vestir, comportar e viver.

Embora seja comum serem confundidas, a identidade de gênero não é a mesma coisa que identidade sexual, Louro (2013) afirma que elas estão claramente relacionadas, mas:

No entanto, elas não são a mesma coisa. Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc). O que importa aqui considerar é que — tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade — as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento (LOURO, 2013, p. 27).

Em um mundo onde existe uma forte construção social sobre pessoas heterossexuais cis serem o tradicional, a pessoa que nasce transgênero é considerada “anormal” ou até mesmo uma ameaça por não seguir o padrão. Richard (1996) apud Louro (2013) levanta a questão de porque as pessoas não enxergam toda a diversidade sexual, existente na sociedade, como uma oportunidade de construir novas possibilidades?

A mídia tende a invisibilizar as pessoas transgêneros, raramente dando voz a elas e quando viram pauta para alguma matéria são utilizados termos pejorativos e ganchos estereotipados. Soares (2017) mostra exemplos de matérias jornalísticas como a capa do jornal *Meia Hora* onde aparece a manchete: “*Traveco mata amiga com caco de espelho*”. Este é um exemplo claro de como a mídia, geralmente, se refere a pessoas trans. Sobre a manchete aqui apresentada, Soares (2017) diz que não se deve usar termos como “traveco” pois é pejorativo e explica que:



Também não trate as trans* como excêntricas, elas não são. Há ainda um outro ponto: é necessário dizer que a autora do crime é travesti? Isso é relevante para a matéria? Infelizmente a população trans* passa a ser visível na editoria policial, em mais uma tentativa de perpetuar estereótipos de toda uma população. Quando um LGBT* comete um crime, reflita: é preciso mencionar a identidade LGBT*? Isso tem relação com o crime? (SOARES, 2017, p. 26).

A autora reflete bem sobre o assunto, questionando o que deve ser pensado pelos comunicadores antes de produzir uma pauta onde inclua personagens LGBT's. Se ao invés de travesti, o autor do crime fosse um homem ou mulher cis, isso seria citado na manchete? Nunca foi visto algo como “homem cis mata amiga com caco de espelho”, nem nada semelhante na mídia. Assuntos como identidade de gênero e orientação sexual estão cada vez mais evidente em debates dentro da sociedade, cabe a mídia fazer o seu papel, se despindo de preconceitos e parcialidade, e colocar em pauta estas temáticas, expondo a realidade dessas pessoas e mostrando o lado humano de cada um.

3 ANÁLISE DOS DADOS

A série de reportagens “Quem sou eu?”, veiculada no mês de março de 2017 pelo programa *Fantástico* da rede *Globo*, é composta por quatro episódios que abordam, no geral, a vida de pessoas transgêneros. O primeiro episódio conta como é a descoberta dessa identidade de gênero, falando sobre crianças trans. No segundo é abordada a adolescência de transsexuais, mostrando as dificuldades que essas pessoas passam durante todo esse período. Já no terceiro episódio da série, é mostrada a história de Luiza e gira em torno da cirurgia de troca de sexo. No quarto e último, é narrada a história de uma família trans onde o pai gerou e amamentou o filho do casal.

Neste capítulo será analisado o primeiro episódio, crianças transgêneros, da série “Quem sou eu?”. Nele é apresentada a situação de crianças que nasceram em um corpo que não condiz com o gênero ao qual pertencem. O objetivo principal é identificar se a reportagem possui características jornalísticas que a deixam mais humanizada ou não. Os principais pontos que serão observados são a narrativa, o olhar da jornalista sobre a pauta e sua responsabilidade moral, a profundidade dos



fatos e o espaço dado à fonte, itens que conforme Ijuim (2002) influenciam na humanização de uma reportagem.

Um dos pontos que mais chamam atenção no episódio aqui analisado é a sua narrativa. Renata Ceribelli, a jornalista responsável por construir a reportagem, faz uma analogia entre as pessoas transgêneros e o filme *Alice no País das Maravilhas*. Alves e Sebrian relatam que:

O fazer jornalístico como processo de significação e resignificação exige observação/percepção, reflexão e expressão de mundo. Por isso, os jornalistas devem ir além do “dar a notícia” para compreender os fenômenos sociais e compartilhar esta compreensão. Assim, o fazer jornalístico supõe a busca da essência das ações humanas contidas nos fenômenos sociais (ALVES; SEBRIAN, 2008, p. 2).

A analogia feita pela jornalista entre as pessoas transgêneros e a personagem Alice vêm da semelhança entre a arte e a realidade. Alice, como se sabe, não era uma personagem trans, entretanto a fantasia com outro mundo e suas reflexões encaixam nas histórias narradas durante a série. Uma das frases mais conhecidas da história é “Quando acordei hoje de manhã, eu sabia quem eu era, mas acho que já mudei muitas vezes desde então”, o que retrata o universo de possibilidades que existe em Alice evidentemente semelhante à realidade transgênero. Assim como as pessoas transgêneros, Alice se sentia diferente das outras pessoas, buscava entender melhor quem era e em meio a todas essas questões precisou tomar decisões, muitas vezes, difíceis. No filme a personagem Alice busca esse país das maravilhas onde ela pode ser quem realmente é, isso é o que as pessoas transgêneros buscam. O país das maravilhas para uma pessoa transgênero é um mundo onde ela será vista e reconhecida como realmente é.

Com a semelhança entre a história de Alice e os relatos de vida de pessoas transgêneros, a analogia casou perfeitamente. Renata Ceribelli utilizou-se do imaginário para mostrar isso ao público e por consequência tornou a reportagem mais humanizada e compreensível para os telespectadores.

Figura 1: Alice no país das maravilhas



Fonte: Portal G1

A figura 1, no contexto apresentado pela reportagem, representa Alice tentando alcançar o coelho branco. Simbolizando os transgêneros buscando a sua verdadeira identidade, a resposta para a pergunta: Quem sou eu?. Ijuim (2002, p.39) diz que “cabe à imprensa, portanto, o dever de produzir relatos verazes, versões verossímeis, uma visão particular sobre as ações humanas, que reúne o ‘real discursivo jornalístico’, o simbólico e o imaginário”, ou seja, o comunicador além de buscar a verdade precisa construir uma reportagem que seja o reflexo de uma visão particular de tais ações, utilizando além do discurso informativo, o simbólico e o imaginário. É isso que se pode ver na analogia construída pela Renata no episódio estudado, retrata uma visão particular e explicativa da temática, utilizando-se de símbolos.

Além da analogia, a forma com que as histórias são narradas influencia muito na construção de uma matéria mais humanizada ou não. Braghini e Lüersen (2014), ressaltam que alguns detalhes são essenciais na construção de um jornalismo mais humanizado, tais quais relatar uma situação ou acontecimento por meio de fragmentos de histórias, ou seja, utilizar-se das fontes para passar a sua vivência sem poupar detalhes.

Durante todo o episódio é possível observar relatos diferentes de uma mesma situação, a jornalista buscou dar voz ao maior número de pessoas como fontes possíveis, passando para seu telespectador além da verdade, o sentimento do que é ter um filho ou filha transgênero ou mesmo ser uma pessoa transexual.



A reportagem inicia com algumas frases de relatos de pessoas transgêneros como “É como se eu tivesse passado a vida inteira dentro de um quarto e há 1 ano é como se eu tivesse me libertado de tudo isso para ser realmente quem eu sou” ou “Tem dias que eu acho que as pessoas só conseguiriam me entender se elas fossem quem eu sou ou se pelo menos elas me deixassem ser”. Por meio desses relatos pode-se notar como o sentimento expressado mediante a realidade de pessoas transgêneros é similar a reflexão de Alice sobre quem ela é. Narrações como essas mostram o lado humano de cada transexual e fazem com que os telespectadores, espectadores ou ouvintes consigam ter uma pequena noção do que essas pessoas passam e sentem.

Ao construir uma reportagem é importante que a jornalista tenha sempre em mente para quem está produzindo a matéria. Quem irá receber aquele material e informação. Ijuim afirma que:

Na procura da *essência* dos fenômenos, o comunicador atribui-lhe *significados*, os *sentidos*, para proporcionar ao público, mais que a explicação, a *compreensão* das ações humanas. Se busca a compreensão, conta com observação objetiva, mas para isso, recorre a um caráter humano nato, a subjetividade, o fundo intimista capaz de tornar a narração viva – humana (IJUIM, 2002, p. 40-41).

O episódio “Crianças transgêneros”, embora foque na história de Melissa, é de fácil compreensão dos assuntos desde a linguagem utilizada para narração até a desmistificação de alguns pontos. É possível observar dois momentos em que a jornalista traz um profissional para explicar confusões muito comuns sobre os transgêneros. O primeiro ponto a ser desmistificado na matéria é a diferença entre orientação sexual e identidade de gênero, facilmente confundidos pela sociedade. É nesse momento em que Renata Ceribelli entrevista o psiquiatra Alexandre Saadeh, que explica “A identidade de gênero é definição, se é homem ou se é mulher. Como ela se sente, se percebe, se vê. Como ela se reconhece”.

Outro momento da reportagem que mostra a falta de conhecimento social sobre o assunto é durante a entrevista de Renata Ceribelli com os pais de Melissa. Em dado momento Karina de Fazzio, mãe, lembra que seus familiares a culpavam pela atitude de Melissa, levando a entrevista para o lado emocional e mostrando o tabu que cerca a transexualidade. A reportagem seguiu com uma breve explicação científica do psiquiatra sobre as pessoas transgêneros. Ijuim (2014) atenta para o

cuidado com fontes especialistas, o autor diz que muitas vezes o comunicador se apega cegamente as informações passadas pela fonte e deixa de ampliar o seu olhar para todo o resto da história. No caso do episódio, as fontes especialistas presentes fizeram o seu papel de informar e desmistificar fatos, enquanto Renata expandiu o seu olhar para além deles.

Figura 2: Representação embrião.



Fonte: Portal G1

A explicação científica sobre o surgimento de crianças transgêneros, ocorre de forma muito didática por intermédio da ilustração mostrada na figura 2. Sendo relatado pelo psiquiatra que na 10ª semana de gravidez se desenvolve o órgão sexual do bebê e apenas na 20ª semana é desenvolvida a parte do cérebro que reconhece a identidade de gênero, surgindo assim inúmeros casos de pessoas transgêneros, que não se reconhecem com o sexo biológico. Essa informação pode ajudar a desconstruir tabus e leva informação para os telespectadores.

Nesse momento da reportagem fica clara a intenção de mostrar que um assunto atual que ainda é um tabu para a sociedade em geral, na verdade é algo real e não muito difícil de entender. Utilizar-se de fontes que viveram e outras que estudaram a situação deixa a reportagem mais rica e fácil de compreender. Ijuim (2002, p. 45) ressalta a relevância de uma boa narrativa, o autor diz que um relato jornalístico não é apenas executar técnicas narrativas, essa narrativa mais humanizada e compreensível é resultado de uma “observação apurada, da reflexão dedicada e da emoção do comunicador”.



A forma de abordagem utilizada com a fonte também é um item fundamental para a humanização da reportagem. Braghini e Lüersen (2014, p.10) afirmam que “Humanizar conforme a etimologia da palavra consiste em tornar mais humano, e para fazer isso em uma reportagem, o caminho é além de valorizar os personagens, é entendê-los como pessoas e não apenas fontes”.

A partir disso pode-se avaliar a forma de abordagem de Renata Ceribelli com as fontes do primeiro episódio da série. Existem apenas duas fontes usadas para cunho profissional, o psiquiatra Alexandre Saadeh e a endocrinologista Leandra Steinmetz, que aparecem em momentos específicos para explicar o lado científico da transexualidade e desmistificar alguns pontos. Em sua grande maioria, as outras fontes são pais e mães de crianças transgêneros e Melissa de Fazzio, personagem principal e representante das crianças transgêneros.

Tanto Melissa quanto os pais e mães que são apresentados na reportagem, relatam as suas vivências, transmitindo todo sentimento e bagagem que adquiriram ao passar por toda a situação, seja ela de ter um filho ou filha transexual ou se descobrir como uma criança transgênero. Durante as entrevistas, a forma com que Renata faz fluir o diálogo faz parecer muito mais uma conversa que uma entrevista, isso faz com que as fontes sejam vistas como pessoas, sentindo-se mais a vontade de contar a sua história. Assim, Ijuim afirma que:

O compromisso do comunicador envolve a observação e reflexão de mundo, de modo que, percebendo-o, possa expressá-lo. Não lhe cabe, portanto, somente a função técnica, mas a função social de comprometer-se com o mundo, de reconhecer que sua autoria responsável deve ser fruto do diálogo social, de sua cumplicidade/solidariedade com o público – os outros seres humanos (IJUIM, 2002, p. 44).

O jornalista, ao buscar construir uma reportagem humanizada, precisa ir além das funções técnicas do jornalismo. Se Renata Ceribelli, por exemplo, abordasse suas fontes apenas como objetos de conhecimento e não como seres humanos, a reportagem não transmitiria sua sensibilidade, seria apenas mais um acumulado de informações. Abordar um tema como a transexualidade de uma forma mais humanizada é se comprometer com o mundo, pois falar de tal assunto em uma emissora de televisão, como a rede *Globo*, que é uma das principais emissoras de TV do Brasil, é colocar em pauta o diálogo sobre esta temática.

Assim como a analogia feita com o livro Alice no País das Maravilhas, o episódio trata as diferenças sociais metaforicamente como uma árvore (figura 3), suas ramificações representam cada pessoa transgênero e suas vivências.

Figura 3: Árvore e suas ramificações.



Fonte: Portal G1

Na figura 3 se pode observar uma árvore e em cada uma de suas ramificações um rosto diferente. Todos os rostos são de uma pessoa transgênero diferente, mostrando que mesmo dentro desse grupo de pessoas existe diversidade. Cada pessoa nessa árvore possui a sua história, sua vivência, seus sentimentos e toda a sua bagagem por ser uma pessoa transexual. Essa representação, assim como cada cena apresentada no episódio, se trata do aspecto estético da reportagem, outro ponto que se construído de forma correta pode humanizar o jornalismo.

Ijuim (2002) argumenta que dentro do aspecto estético há observação do comunicador e esta quanto mais aprimorada, permitirá maior abrangência intelectual e trará ainda mais sensibilidade para a reportagem construída. Ou seja, cada detalhe estético apresentado dentro da matéria influencia na recepção da informação, podendo tornar a reportagem mais humanizada.

Outra representação estética que aparece de forma não explícita na reportagem é a afirmação da identidade feminina de Melissa. Enquanto a entrevista ocorre é possível identificar inúmeros objetos relacionados à feminilidade presente, desde bonecas em cima da cama de Melissa a imagens dela se maquiando. Para os telespectadores é uma forma de reafirmar a identidade de gênero feminina de



Melissa, essa construção visual é uma composição que ilustra a situação real ali contada.

Esse aspecto apresentado durante a entrevista de Renata com Melissa não é usado para influenciar e levar os telespectadores a acreditar que Melissa é uma menina e sim para ilustrar de forma simbólica que Melissa se reconhece como pertencente ao sexo feminino, um aspecto utilizado para melhor compreensão dos espectadores. Uma forma de reforçar esse ponto é que durante a entrevista a jornalista Renata Ceribelli pergunta se a maquiagem é uma forma de Melissa reafirmar o fato de ser uma menina e então ela responde “Não, eu sempre me senti menina independente de maquiagem”.

Tratar as fontes como humanos é essencial para uma reportagem mais humanizada, no caso específico de pessoas transexuais existem outros pontos que merecem atenção. Soares (2017), explica qual tratamento deve-se usar ao entrevistar uma pessoa transgênero. Segundo a autora respeitar o nome escolhido pela pessoa é essencial. O que causa confusão nesses casos é o chamado “nome social”. Tratar uma pessoa transgênero pela sua verdadeira identidade, porém, enfatizando o termo “nome social”, estigmatiza ao invés de ajudar. Soares (2017), ainda afirma que é importante ter em mente que para as pessoas transgêneros nome não é o que consta nos documentos e sim o que eles declaram.

Na reportagem analisada em nenhum momento pode-se observar termos pejorativos ou que rotulam os transgêneros. A todo o momento Renata Ceribelli trata Melissa como Melissa, nunca enfatizando “nome social” ou a tratando como Miguel, o nome que consta em seus documentos. Apenas em um momento no início da reportagem é citada essa informação durante a narração, a fim de explicar para o espectador que Melissa é transgênero. Ainda sobre os tratamentos para com pessoas transexuais, Soares (2017, p. 25) aponta um grande problema dentro da mídia brasileira “Marginalizada em muitos níveis, a população trans* é fortemente estigmatizada também pela imprensa, dificilmente sendo retratada em matérias não relacionadas a direitos e cidadania trans* ou em casos de polícia”, questões que desumanizam as pessoas.

Com base nisso pode-se constatar que é outro ponto que reforça a humanização da reportagem estudada. A abordagem do tema busca retratar a



existência dessas pessoas invisibilizadas pela sociedade e transmitir suas vivências aos telespectadores.

Dentro de toda produção de reportagem existe um aspecto em especial que define logo de início se a matéria será humanizada ou não, a responsabilidade moral do comunicador. É de suma importância que a abordagem do jornalista não carregue juízo de valor, suas ideologias precisam ficar de fora. Entretanto é possível retratar as pautas de forma negativa ou positiva, escolhendo de que forma abordar. Assim afirma Ijuim:

[...] mais um aspecto que interfere de maneira significativa no fazer jornalístico: a questão da responsabilidade, ou da autoria do relato das ações humanas. [...] Como entende Chaparro, o jornalismo é um processo social de ações conscientes, controladas ou controláveis. Como processo social, essas ações supõem propósitos e intenções de executar um fazer; propósito significa a visualização ideal ou imaginativa de um plano ou o fim de uma ação; e intenção seria tender, desenvolver-se, dirigir-se para algo (IJUIM, 2002, p. 42).

De modo geral, nesse primeiro episódio, toda a narração e edição visual não carregam juízo de valor, no entanto a jornalista ao construir a reportagem buscou mostrá-la de forma positiva, apresentando uma visão desconstruída da temática trans. Em nenhum momento Renata tende para um lado, sua postura enquanto jornalista não mostra uma militância a favor da causa ou contra. A produção estética foi construída de forma explicativa e didática, mas também parcial, buscando passar o lado humano de cada fonte apresentada.

O aspecto de maior importância do episódio estudado e da série em si é o assunto abordado, a transexualidade. Além de ser um tabu na sociedade, como já pontuado, gera opiniões extremas e por ser um tema delicado, se torna algo complexo de discutir. O que são motivos a mais para dar visibilidade ao assunto. Sobre a construção de uma matéria humanizada que envolva uma temática delicada de levantar como a transexualidade na reportagem estudada, Ijuim (2002, p. 45) diz que “No sentido ético, deve-se transcender a pergunta se tal matéria ou enfoque é moral ou não”. Assim, completa o autor, ao discutir e debater é possível que “não se incorra em juízos precipitados ou pouco refletidos”. Dessa maneira, conforme Ijuim é possível diminuir “preconceitos e generalizações apressadas, possibilitando o desenvolvimento da capacidade de identificar, reconhecer e respeitar o outro – solidarizar-se à dor e à alegria universais” (IJUIM, 2002, p. 45).



Abordar um assunto como este é, conforme Ijuim (2002), “debater a diversidade de questões que afligem o mundo”, falar sobre a transexualidade por meio de uma reportagem com aspectos humanizadores contribui para a quebra de preconceitos e para que as pessoas retratadas sejam vistas como seres humanos e não sujeitos marginalizados. Por assuntos como a identidade de gênero e orientação sexual estarem em pauta na sociedade, a mídia procura falar sobre eles, porém nem sempre busca humanizá-los. Ijuim (2002, p.38), sobre os meios de comunicação, diz que “aqueles que, porventura, já experimentaram sua produção, em geral, tiveram como referência os ‘manuais’ organizados pelas próprias empresas jornalísticas ou por bibliografia baseada nos jornais de grande circulação”. A rede *Globo*, emissora que veiculou a série *Quem Sou Eu?*, está abrindo espaço para temas como o tratado nesse artigo, buscando desconstruir o seu tradicional manual jornalístico. Não só pautando superficialmente assuntos mais delicados, mas usufruindo de inúmeras características humanizadas do jornalismo.

Com base em todos os aspectos apresentados sobre o que constitui uma reportagem humanizada, é possível afirmar que o episódio - Crianças transgênero - da série “Quem sou eu?”, do *Fantástico*, é sim uma reportagem humanizada, trazendo uma narrativa clara e positiva sobre a temática, repleta de personagens que relatam sua vivência, transmitindo sentimento e informação. Além de incentivar o debate social sobre o assunto e desmistificá-lo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo trabalhou com a seguinte problemática: como foi abordado a transsexualidade do primeiro episódio da série “Quem sou eu?” do programa *Fantástico*?, tendo como objetivo de analisar se a construção jornalística foi mais humanizada ou não.

A partir do episódio estudado e dos aspectos apresentados principalmente por Ijuim, que buscam tornar uma reportagem humanizada, é possível concluir que o episódio número um, “*Crianças transgêneros*”, da série “*Quem sou eu?*” do programa *Fantástico*, veiculado pela rede *Globo*, é sim uma reportagem humanizada.



Os fatos foram apurados de forma profunda e detalhada, o espaço dado a fonte foi essencial para poder narrar uma história e não apenas relatar fatos. A narrativa mostrou o lado humano de cada personagem apresentado e a jornalista Renata Ceribelli, conseguiu trazer de forma clara e positiva um assunto atual e repleto de tabus, como a identidade de gênero, através de uma história tão famosa, Alice no País das Maravilhas, que encaixou perfeitamente com o tema.

O olhar da jornalista Renata Ceribelli durante a construção da pauta, embora não seja imparcial foi o que tornou o episódio ainda mais humanizado. Renata Ceribelli conseguiu mostrar uma realidade, que muitos desconhecem, de forma humana e positiva, porém sem militar ao produzir a reportagem. O tratar com naturalidade algo que é tido como anormal para grande parcela da sociedade, fez toda diferença. Mais que uma reportagem informativa, o primeiro episódio da série “Quem sou eu?” foi construído de forma sensível e didática, transmitindo os sentimentos dentro de cada personagem apresentado e desmistificando informações através de especialistas.

A reportagem estudada exerceu mais que o simples jornalismo, exerceu uma comunhão entre seres humanos, dando voz para assuntos de interesse social. A partir do estudo é possível concluir que o relato jornalístico apresentado foi além da execução de técnicas jornalísticas. Mostrou uma observação e reflexão apurada de Renata ao construir sua obra, com isso observa-se que o objetivo proposto foi alcançado, concluindo através do estudo de diversos pontos que a reportagem foi produzida de forma humanizada.

Através desta pesquisa é possível perceber a importância de dar espaço na mídia para assuntos como a transsexualidade de forma humanizada. Falar sobre o assunto de forma natural ajuda a desmistificá-lo e a enxergar a igualdade em pessoas diferentes. O fato de uma emissora de televisão como a rede *Globo*, que possui uma grande audiência nacional, pautar o assunto é de extrema importância para que as pessoas percebam a sua existência e para que ele seja debatido cada vez mais. Portanto, além de mostrar o lado humano de pessoas, geralmente, marginalizadas pela sociedade, o programa *Fantástico* da rede *Globo* trouxe o debate social sobre um assunto atual e que precisa de visibilidade. O episódio sobre crianças transgêneros da série “Quem sou eu?”, através de sua forma de



construção, contribuiu para a desmistificação de uma temática que ainda é tabu na sociedade.

Ao concluir este estudo nota-se a diferença que a humanização pode fazer em uma pauta, retratando com um olhar solidário a realidade alheia. O jornalismo e os estudos humanizados têm total relação, principalmente quando se trata de reportagens com temáticas do cunho social onde é essencial mostrar além da verdade a sensibilidade que existe na pauta, informando e levantando debates entre a sociedade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Fabiana Aline e SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti; **jornalismo humanizado**: o ser humano como ponto de partida e de chegada do fazer jornalístico. 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2008/resumos/R10-0540-1.pdf>>. Acesso em 26 ago. 2017.

ÁVILA, Simone. **Transexualidade e movimento transgênero na perspectiva da diáspora queer¹**. Disponível em: <<http://nigs.ufsc.br/files/2012/01/TRANSEXUALIDADE-E-MOVIMENTO-TRANSG%C3%8ANERO-NA-PERSPECTIVA-DA-DI%C3%81SPORA-QUEER-Simone-%C3%81vila-e-Miriam-Pillar-Grossi.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2017.

BRAGHINI, Kéliana e LÜERSEN, Angelica; **A arte de contar histórias**: jornalismo humanizado na revista Piauí. 2014. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2014/resumos/R40-0342-1.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2017.

BENTO, Berenice. **Sexualidades, corporalidades e transgêneros**: narrativas fora da ordem. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/B/Berenice_Bento_16.pdf>. Acesso em: 16 maio 2017.

FILHO, Antoniel dos Santos Gomes; MELO, Miguel Ângelo Silva; PEREIRA, Janaina Batista. **Subjetivação do corpo travesti sob a perspectiva das relações sociais heteronormativas**. Disponível em: <<http://interfaces.leaosampaio.edu.br/index.php/revista-interfaces/article/view/172/143>>. Acesso em: 16 maio 2017.



IJUIM, Jorge Kanehide; **Humanização e desumanização no jornalismo**: algumas saídas. 2014. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/ijuim-jorge-2014-humanizacao-desumanizacao-jornalismo.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

IJUIM, Jorge Kanehide; **Jornal escolar e vivências humanas**: um roteiro de viagem. 2002. disponível em: <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20131017-201307_jorgeijuim.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. 2013. Disponível em: <<https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/03/genero-sexualidade-e-educacao-guacira-lopes-louro.pdf>>. Acesso em: 16 de maio de 2017.

REIS, Marcela Miranda Félix dos; **O espetáculo e sensacionalismo no telejornal piauiense bom dia meio norte**. 2012. disponível em: <<http://www.unigran.br/mercado/paginas/arquivos/edicoes/3/8.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2017.

SOARES, Nana; **Minimanual do Jornalismo Humanizado Parte V: LGBT***. 2017. Disponível em: <<http://thinkolga.com/minimanual-do-jornalismo-humanizado/pt-5-lgbt/>>. Acesso em: 27 ago. 2017.